

Memorial apresentado à Faculdade de Letras para compor o processo da candidatura a uma vaga de professor titular do Departamento de Letras Vernáculas, no concurso realizado em dezembro de 2011

Maria Eugenia Lammoglia Duarte

Da formação profissional

Começo este Memorial citando Ferreira Gullar, em discurso feito na Faculdade de Letras, em setembro de 2010, quando recebeu o título de Doutor *Honoris Causa*. Disse o poeta: *“Nossa vida é em grande parte regida pelo acaso”. E continuou: “Faço, porém, questão de esclarecer o que penso da função do acaso em nossa vida. Se por um lado, reconheço a importância dos fatores casuais, tampouco acredito que tudo o que aconteceu poderia não ter acontecido e que, portanto, nada tem importância, não passando de ocorrências fortuitas. Na verdade, as coisas só se consumam quando o que acontece por acaso corresponde a alguma necessidade”*.

De fato, só o acaso poderia ter levado a São Paulo e depois trazido ao Rio de Janeiro uma professora primária, formada em 1965, aos 17 anos, no Colégio “Imaculada Conceição”, numa cidade do interior de Minas, Leopoldina, e matriculada em seguida na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras “Santa Marcelina”, na vizinha cidade de Muriaé, para fazer um curso de Letras, com licenciatura em Língua e Literatura Portuguesa e Língua e Literatura Inglesa, um curso que funcionava três noites durante os dias de semana e durante as manhãs e tardes de sábado. A atividade profissional, iniciada exatamente com a idade de 17 anos, como professora no antigo curso ginasial do colégio em que fizera o Curso Normal - uma licença que se dava aos que faziam um curso superior, por falta de pessoal qualificado – parecia satisfazer plenamente uma vocação sincera. Em pouco tempo, antes mesmo de terminar a faculdade, já estava ensinando no segundo grau – o curso normal que tinha cursado. Foi assim que se deu o início da minha vida profissional.

Se se leva em conta o modelo de ensino praticado na época, posso afirmar que tive boa formação, tanto no Colégio Imaculada Conceição, dos 3 aos 17 anos, quanto na Faculdade de Filosofia Ciências e Letras Santa Marcelina. A Linguística,

que só viria a ser implantada nos currículos nacionais a partir dos anos 60, chegou até nós ainda nebulosa, através de uma das religiosas que mal tivera tempo de se familiarizar com a nova disciplina. A faculdade, entretanto, cuidou de compensar minha turma no último ano de faculdade, convidando o Professor Mattoso Câmara Jr. para ministrar um minicurso em fins de 1969, pouco antes de seu falecimento em inícios do ano de 1970.

À formatura seguiu-se uma vida de atividade docente ainda mais intensa, uma vez que já podia trabalhar também à noite. Aprovada no concurso público para professores da rede estadual de ensino, comecei, a partir de 1970, a vivenciar a experiência de alfabetizar crianças durante os três anos que durou minha atuação no ensino primário. A Escola Estadual "Rotary Club" ficava a apenas três quilômetros da cidade e carecia de pessoal empenhado em convencer as famílias das crianças a manter seus filhos ali, até o quarto ano. À época, as crianças iam estudar "na cidade" após a conclusão do segundo ano porque se dizia que lá, nos grandes grupos escolares, o ensino era melhor. Devo dizer, com orgulho, que uma colega e eu conseguimos, ao final do nosso primeiro ano de atuação, levar as crianças do segundo ano para a primeira turma de terceiro ano e estes, no ano seguinte, para a primeira turma de quarto ano.

Quando saí, e devo dizer que o fiz porque queria concentrar meu trabalho nos cursos de segundo grau, deixei uma escola com as quatro séries funcionando e com pais orgulhosos e tranquilos – seus filhos não tinham mais de percorrer três quilômetros à margem da Rodovia Rio-Bahia para fazer o curso primário na cidade. Sobre esse curto período, não posso deixar de dizer que alfabetizar crianças da zona rural foi uma atividade inesquecível, realmente emocionante. Parece que esta é, de fato, de todas as atividades que desempenhamos a que apresenta resultado mais rápido e surpreendente! A facilidade com que aquelas crianças, oriundas de famílias muito pobres, hoje caracterizadas como "carentes", aprendiam a ler e a escrever me faz pensar sempre nas causas de tanto insucesso atualmente na alfabetização.

Graças à estabilidade com funcionária do Estado, passei a atuar no Colégio Estadual Professor Botelho Reis, no ginásio e no segundo grau, tal como fazia no "Imaculada Conceição". Entre 1970 e 1974, mantive as atividades nas duas escolas, a particular e a pública, até que o acaso (na realidade, o casamento) me levou

para a vizinha cidade de Cataguases, onde passei a atuar no Colégio Estadual “Manuel Inácio Peixoto” e na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Cataguases, onde ensinei Língua Portuguesa, Língua Inglesa para os alunos de Letras e Português para o curso de História. Sobre esse último curso, lembro que formulei, intuitivamente, um programa que poderia ser hoje considerado um curso de Português Instrumental.

A necessária atualização com os novos métodos de ensino de português e inglês era feita com viagens periódicas a Juiz de Fora, onde se tinha a oportunidade de assistir às palestras de Magda Soares (Guimarães, naquele tempo), que vinha de Belo Horizonte falar aos professores. Ali também pude me preparar para os exames de proficiência em língua e literatura inglesa da Universidade de Cambridge, assistindo a aulas ministradas aos sábados de manhã pelo professor William Redmond, diretor da unidade da Cultura Inglesa naquela cidade. Havia ainda encontros de professores no Rio de Janeiro, particularmente para divulgar os novos métodos de ensino de inglês. Embora minha atuação como professora tivesse começado com Língua Portuguesa, exatamente no ano de 1966, quando Magda Soares Guimarães lançava o primeiro volume da série *Português Através de Textos*, ensinei também Inglês nessas escolas, embora sem o mesmo entusiasmo.

O ensino de inglês para turmas muito grandes não trazia resultados satisfatórios (eu mesma vivera essa experiência como aluna, tanto no colégio quanto na faculdade, e devo meu aprendizado ao incentivo de uma colega mais velha, professora experiente, que me disse: “Leia!”). E ela ia me passando romances, dos quais eu entendia inicialmente 20%. Até que tudo foi ficando mais claro: à gramática que eu já aprendera se juntava a habilidade de comunicação. A prática de ensino de inglês se fez de fato quando, ainda em Cataguases, abri uma escola de inglês para crianças e adolescentes, que continua ativa, nas mãos de uma professora que me sucedeu.

A mudança decisiva viria quando meu marido recebeu um convite para trabalhar em São Paulo. Foi o momento mais importante na vida profissional de ambos. No meu caso, a PUC-SP estava abrindo concurso para o mestrado em Linguística Aplicada ao Ensino de Português e Inglês. Optei inicialmente pelas provas para ingressar no curso de inglês porque isso me permitiria mudar para o de português, mas não o contrário. Confesso que só aos 35 anos de idade, exatamente em 1983, tomei realmente contato com as ideias de Halliday, Givón, Chomsky, Labov, entre tantos outros. Era uma sucessão de surpresas, e, graças a um curso

inicial, perfeitamente complementar, ministrado em dois módulos por Leila Barbara e Eleonora Mota Maia (hoje Albano), uma nos mandando “ler, aprender e resenhar”, outra nos mandando “ousar a partir do que tínhamos lido e aprendido”, pude entrar num mundo novo. Foi certamente Eleonora Albano a primeira pessoa a perceber, pela leitura do meu trabalho de final de curso, que eu deveria fazer um curso de Sociolinguística. No segundo semestre de 1983, Fernando Tarallo volta de seu doutorado na Philadelphia e começa a trabalhar na PUC. Com ele fiz um curso de Sintaxe do Inglês e, no ano seguinte, enfim, um curso de Sociolinguística, que me levaria a definir minha opção por Língua Portuguesa, abraçar a pesquisa voltada para a mudança linguística e ganhar um orientador competente, amigo e eterno inspirador. Tenho o orgulho de ter sido a primeira orientanda de Fernando Tarallo, formalmente inscrita.

Minha Dissertação de Mestrado, intitulada *Variação e Sintaxe: clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no português do Brasil*, defendida em 1986, surgiu num momento em que Charlotte Galves desenvolvia importantes trabalhos sobre pronomes e categorias vazias em português e, coincidentemente, aparecia um artigo teórico do linguista português, Eduardo Raposo, sobre o objeto nulo e as restrições à sua ocorrência no português europeu. Minha pesquisa não foi pioneira; já em 1978, Nelize Omena tinha defendido uma dissertação sobre o tema sob a orientação de Anthony Naro, na PUC-RJ, e tão logo tomou conhecimento desse fato, Tarallo me fez vir ao Rio e pegar uma cópia na PUC. Aprendi com ele uma coisa importante: “Se você tem conhecimento de um trabalho que precede o seu, corra até encontrá-lo e não deixe de lhe dar a devida precedência”. O fato de a dissertação ter aparecido resumida num artigo em uma publicação organizada por Tarallo em 1989 (*Fotografias Sociolinguísticas*) lhe rendeu certa repercussão e, para minha alegria, a pesquisa tem sido aplicada em inúmeras outras regiões do Brasil, com falantes de diferentes níveis de escolaridade e faixas etárias, em zonas urbanas e rurais, apontando resultados muito próximos, que confirmam o objeto nulo como a forma de realização preferencial do objeto direto anafórico.

O doutorado me levou para a Unicamp, seguindo Fernando Tarallo, que para lá se transferira, como tantos outros professores da PUC-SP. Lembro-me de que não foi uma decisão fácil para ele, Mary Kato e outros. Enfim, começamos a investigar o sujeito para tentar entender a assimetria – objetos nulos / sujeitos pronominais – apontada por Samuel Moreira da Silva e Tarallo em 1983, em suas teses de doutorado.

Em 1988, as disciplinas já estavam quase concluídas, quando outro acaso (mais uma transferência do cônjuge) me trouxe para o Rio de Janeiro. Em São Paulo, ficaram a atuação de um ano e meio na PUC como Professor Assistente, onde ministrei Morfologia do Inglês e Descrição do Uso da Língua Inglesa e a atuação numa escola de segundo grau, Mopyatã, fundada por professores dedicados e para onde fui por indicação de Leila Barbara. Ficaram ainda grandes amigos, com quem mantenho contato. Cursei os últimos créditos do Doutorado na Unicamp indo semanalmente do Rio a Campinas.

A morte precoce de Fernando Tarallo é até hoje uma dor muito viva, porque nossa relação ultrapassara a convivência de professor – aluno; os laços de amizade tinham se estreitado a ponto de nos tornarmos amigos muito chegados. Quando ele se foi, Mary Kato, sua parceira num casamento teórico considerado “herético”, minha professora desde o mestrado na PUC-SP, foi quem me abriu os braços, como a tantos outros orientandos de Tarallo. Ela, Ataliba de Castilho, Charlotte Galves adotaram muitos órfãos e os ajudaram a levar adiante o trabalho iniciado sob a inspiração de Tarallo.

Foi no Rio, pela primeira vez sem qualquer vínculo empregatício e com uma bolsa CAPES de Doutorado, que conheci uma grande amiga de Fernando, Giselle Machline de Oliveira e Silva, um anjo que me falou do concurso para Professor Assistente de Língua Portuguesa da UFRJ, a se realizar em dezembro de 1993, com cinco vagas! Era uma grande oportunidade, mas confesso que enfrentar um concurso aos 45 anos de idade soava algo amedrontador. Se, por um lado, havia a experiência, por outro havia uma quantidade imensa de jovens recém-formados, com percurso mais regular em sua formação. Decidi me inscrever e fui aprovada. Estava, enfim, atuando como professora efetiva, numa importante Universidade Federal, com a chance de trabalhar com Língua Portuguesa e Mudança Linguística.

Tomei posse em 1994. A acolhida não poderia ter sido melhor. Giselle Machline, o anjo, logo me convidou para participar das pesquisas do PEUL – Programa de Estudos sobre o Uso da Língua – e Dinah Callou não só me acolheu dentro do projeto NURC como me cedeu uma amostra gravada naquele ano de 1994, aguardando transcrição, para servir aos estudos de mudança em “tempo real de curta duração”, que viriam a ser realizados, a partir de então, pelos pesquisadores do NURC-RJ. Foi essa amostra que me fez identificar inovações no português brasileiro, que iam muito além do aumento dos índices de sujeitos preenchidos, mas eram deles decorrentes. Finalmente eu parecia ter encontrado

um fio condutor para buscar responder às questões levantadas pelo modelo de mudança proposto por Weinreich, Labov e Herzog (1968), de modo especial à questão do “encaixamento” da mudança: que outras mudanças estavam relacionadas àquela em estudo de uma forma **não acidental**? Aquela amostra de fala recente me permitiu encontrar “efeitos colaterais” da mudança em curso, relacionar fenômenos aparentemente independentes e tecer uma teia tal como Fernando Tarallo esperava.

Assim foi que, com a vida apertada - a tarefa de dar 12 horas de aulas semanais de Fonética e Fonologia do Português, uma disciplina que eu jamais sonhara ministrar, mas pela qual me apaixonei (sem, entretanto, ter ultrapassado os limites de um curso de graduação), graças à ajuda inestimável de Sílvia Brandão, com grande experiência na disciplina – que, em 1995, defendi minha tese, que marcou o início de uma cooperação com Mary Kato, a quem devo muito mais do que a orientação firme e as perguntas que me faziam caminhar. Com ela estabeleci uma relação de amizade, por ela desenvolvi um respeito e admiração profundos e tenho a honra de ser sua parceira em inúmeros trabalhos, uma parceria que está longe de terminar porque estamos sempre sendo conduzidas pelas análises empíricas a um percurso teórico que nos tem trazido resultados animadores.

Tal como aconteceu com a dissertação de mestrado, a tese teve boa repercussão e tem sido inspiração para muitas pesquisas pelo país. Os resultados só têm confirmado o que Tarallo dizia sobre a sintaxe do português brasileiro: ao contrário do léxico e da fonética/fonologia, a sintaxe do português brasileiro apresenta mais semelhanças do que diferenças.

Embora nossa formação esteja sempre em andamento, destaco, como importante etapa da minha formação profissional, o estágio de pós-doutorado feito com Mary Kato no segundo semestre de 2008. A escolha da própria orientadora de doutorado não se deveu a uma atitude cômoda. Nossa parceria depois da defesa da tese exigia uma pausa para discussões acerca dos caminhos da minha pesquisa, de novas leituras, novas perspectivas. E foi um estágio curto, mas muito produtivo.

Da atuação profissional na UFRJ

Como disse na seção anterior, iniciei minhas atividades junto ao Departamento de Letras Vernáculas da UFRJ em março de 1994 (a posse só se daria em abril), com a

tarefa de ministrar 12 tempos de Fonética e Fonologia na Graduação, contando, como já disse com a ajuda inestimável de Sílvia Brandão, e, ao mesmo tempo, a obrigação de concluir minha tese de doutorado, defendida em setembro de 1995. A essa altura, já passara a ministrar cursos de História da Língua Portuguesa e de Sintaxe do Português, o que tenho feito regularmente até hoje.

Minha preocupação constante, ao ministrar os cursos de sintaxe, tem sido associar às descrições tradicionais modelos teóricos recentes, capazes de dar conta de aspectos não explicitados, por limitações óbvias, pela tradição gramatical. (Podemos nos orgulhar de produzir boa parte do material utilizado nos cursos de língua portuguesa da Faculdade de Letras, tanto em nível de graduação quanto em nível de pós-graduação.)

Assim, tenho procurado, no que se refere à **descrição** da língua, fazer uma revisão respeitosa, mas crítica e responsável, da tradição gramatical, resgatando conceitos e termos anteriores à publicação da Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB) e buscando reexaminá-los à luz de novas propostas advindas de estudos linguísticos recentes; no que se refere à **norma**, (a) examinar e discutir os conceitos de norma(s), além de fazer uma revisão da variedade apresentada nas gramáticas e considerada **padrão**, com base em dados da escrita atual, veiculada em jornais, revistas e trabalhos acadêmicos (meu uso da colocação pronominal neste Memorial, por exemplo, não segue o que pregam as gramáticas, mas reflete aquela terceira gramática, como diz Kato (2005), fruto de um embate entre a língua L e aquela ensinada na escola, em outras palavras, uma L3!, que combina traços de uma e outra "gramática"); (b) integrar as questões relativas à regência, concordância e ordem ("ordem" em sentido amplo, não apenas no que se refere à "colocação pronominal", assunto tão caro aos normativistas) à análise da sintaxe do período, de forma que o aluno possa ter uma visão menos fragmentada das relações intra e inter-sintagmáticas e de todas as implicações decorrentes dessas relações de subordinação. Concordância, regência e ordem não são estudadas à parte da estrutura do período, mas como uma consequência da articulação entre os constituintes de uma estrutura gramatical; (c) discutir a variação e mudança linguística, levando aos alunos resultados de pesquisas sobre a língua falada e escrita --- realizadas em sua maioria na Faculdade de Letras da UFRJ, pioneira em estudos variacionistas --- de forma a desfazer alguns (pre)conceitos impressionistas, tais como a homogeneidade da língua escrita e a suposta diferença acentuada entre fala culta e fala popular, buscando contribuir para combater o imenso

preconceito linguístico que tem sido incentivado por colunas de jornais e programas de TV.

Tenho ainda procurado discutir **o que** se deve ensinar e **como** se deve ensinar, colocando sempre em relevo que o aprofundamento dos conhecimentos sobre a história, estrutura e funcionamento da língua que nossa graduação ensina aos alunos é parte fundamental da **formação do professor de Língua Portuguesa**, mas não significa que, uma vez formados, devam centrar sua atividade junto aos alunos do ensino fundamental, médio e superior (em áreas diferentes da de Letras) em teorias e excesso de terminologias. Produzimos no nosso Setor de Português boa parte do material que utilizamos em várias das disciplinas que compõem a grade curricular.

Os cursos de *Iniciação à Pesquisa e Metodologia de Pesquisa em Letras Vernáculas*, que passei a ministrar regularmente aos meus bolsistas de Iniciação Científica e aos alunos interessados em pesquisa, se voltam, naturalmente ao desenvolvimento dos meus projetos de pesquisa, que utilizam o modelo de mudança linguística conhecido como Sociolinguística Variacionista -- um modelo de análise quantitativa e qualitativa que possibilita estudar os processos variáveis na língua e investigar a mudança linguística em curso -- e pressupostos da Teoria de Princípios e Parâmetros --- uma teoria da linguagem a partir da qual são formuladas as hipóteses para o acompanhamento das mudanças sintáticas em investigação. Uma seção deste Memorial será dedicada a esses projetos.

Um ano após meu doutoramento, fui convidada para integrar o **Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas** e ofereci meu primeiro curso no segundo semestre de 1996/2: *Aspectos da Sintaxe do Português do Brasil*. Foi, de fato, uma experiência inesquecível, porque tive a sorte de encontrar uma turma de jovens de diferentes faixas etárias, com experiências diversas -- alguns já atuando na rede estadual e municipal e desejosos de retomar os estudos (nos quais eu me via, ao ingressar na PUC-SP para o Mestrado) -- e outros recém-saídos da graduação, com experiência advinda da Iniciação Científica, que, graças ao desembarço conquistado nas pesquisas, apresentações em congressos e Jornadas de IC, chegavam a amedrontar os que não tinham tido tais oportunidades durante sua graduação. Estes, por sua vez, conseguiam compensar a insegurança inicial com a experiência de sala de aula, que faltava aos primeiros.

Desta turma saíram meus quatro primeiros orientandos de **Mestrado**: a primogênita, Sílvia Regina de Oliveira Cavalcante, que defendeu sua dissertação

em 1999 e, seguindo os passos da orientadora, fez seu Doutorado na UNICAMP, com Charlotte Galves, e é hoje minha colega de Departamento além de parceira em inúmeros trabalhos. Os outros três, Sérgio Leitão Vasco, Ângela Marina Bravin dos Santos e Mayra Christina Guimarães Averbug, viriam a fazer também comigo o Doutorado e hoje atuam em outras instituições de ensino superior no Rio de Janeiro.

A orientação no **Doutorado** começou cedo, com uma de minhas alunas do segundo curso, ministrado em 1997.2 - *Gramática Tradicional e Sintaxe do Português: uma proposta de revisão*. A aluna, Leonor Werneck dos Santos, já fazia parte do nosso quadro de assistentes e sempre teve interesse pela Linguística Textual, o que estava fora dos meus planos de orientação. Como, no entanto, seu tema nascera do meu curso de sintaxe – Leonor queria analisar estratégias de coordenação em contextos iniciais nos livros de literatura infantil e juvenil – aceitei a tarefa, naturalmente contando com a co-orientação competente de Ingedore V. Koch. A tese foi defendida em 2001, tendo a banca contado com a honrosa participação do Professor Marcuschi, que se encantou pelo trabalho.

Desde meu credenciamento na pós-graduação em 1996, ministrei dezesseis cursos (listados no Lattes) e já está anunciado o décimo sétimo, a ser ministrado no segundo semestre de 2011 - *A sintaxe do português do Brasil - fala e escrita*. Sete desses cursos foram ministrados em parceria com colegas muito especiais: o primeiro, em 2002.2 – *Variação e Mudança Sintática*, com Maria da Conceição Paiva, e o segundo, em 2004.2 - *Gramática gerativa e a formação do professor de português*, com Humberto Peixoto Menezes, ambos do Programa de Pós-graduação em Linguística da UFRJ, hoje aposentados. A esses dois, seguiram três cursos com Sílvia Cavalcante, minha mestranda primogênita, que era então Professor Assistente da UFF e aceitou meu convite para ministrar em 2007.2 *Teoria Gerativa Aplicada à Descrição do Português*, em 2008.1 *Tópicos em sintaxe gerativa aplicados à descrição do português* e, finalmente, em 2009.1, já como Professor Adjunto da UFRJ, *Uma abordagem formal para o estudo da mudança linguística*. Meu último curso em parceria foi dividido com minha segunda doutoranda, Mônica Tavares Orsini, também Professor Adjunto do nosso Departamento, que fazia sua estreia na pós em 2010.2, com um curso que contemplava em parte seu tema de tese e nosso interesse comum: *A estrutura da sentença em português e as construções de tópico marcado*.

A oferta de um curso por ano em nível de pós-graduação é parte de um revezamento acordado pelo Setor de Português de modo a nunca deixarmos

desguarnecida nossa graduação, que é, enfim, o celeiro que alimenta a nossa pós. Um exame dos dezesseis cursos ministrados deixa claros os objetivos dos cursos: estudar a variação e mudança linguística, particularmente à luz do modelo proposto por Weinreich, Labov e Herzog (1968), que não pode prescindir de uma teoria linguística. A teoria que me oferece uma análise consistente das representações sintáticas, que me apresenta fatos linguísticos inter-relacionados, capazes de permitir o levantamento de hipóteses e, de certa forma, guiar o caminho em busca das evidências da mudança morfossintática é a que se apresenta no quadro de Princípios e Parâmetros da Teoria Gerativa.

A associação de um modelo de mudança centrado no uso da língua e uma teoria formal, longe de constituir um problema, permite interpretar a variação sintática sob diferentes perspectivas: as que consideram a variação como interna a uma mesma gramática ou uma competição entre diferentes gramáticas. Na realidade, os embates dos anos sessenta, quando empirismo e formalismo se punham em campos opostos, perderam sua força quando a própria teoria gerativa se voltou para a aquisição da linguagem, que se faz a partir dos dados a que a criança é exposta - ou seja, a Língua-E - e para os estudos da mudança diacrônica, que não tinham como contar com a intuição do falante, tendo de apelar para a escrita do passado.

Esse tem sido o quadro teórico e essas têm sido as discussões que perpassam os cursos de pós. Do ponto de vista diacrônico, alguns padrões de mudança sintática do português têm sido focalizados e análises diacrônicas de diferentes fenômenos, empreendidas com base em peças de teatro escritas ao longo dos séculos XIX e XX no Rio de Janeiro. Tais estudos, alguns dos quais constituíram temas de dissertações, vão aparecer em um volume que organizo no momento e que será publicado com a verba do prêmio *Cientistas do Nosso Estado* (FAPERJ), que recebi em 2009. Do ponto de vista sincrônico, investigações de fenômenos variáveis têm sido sistematicamente realizadas com base em amostras de fala culta e popular, do português brasileiro e europeu, e, mais recentemente, de variedades africanas do português.

Em 2009.2, ministrei o curso *A gramática do português falado*, utilizando, em primeira mão, textos do volume que viria a ser publicado no final daquele semestre, um dos volumes que consolida os resultados do Projeto Gramática do Português Falado. Embora não tenha participado desse importante projeto (o convite fora feito por Tarallo num momento em que eu me mudava para o Rio e estava, como

mencionado antes, envolvida com a tese), tive a honra de participar como co-autora de um dos capítulos que resgata todo um trabalho realizado ao longo de vinte anos e atualiza as perspectivas teóricas adotadas. Trata-se do vol. III da *Gramática do Português Culto Falado no Brasil: a construção da sentença, organizado por Kato e Nascimento* (Ed. da Unicamp, 2009). O curso permitiu não só analisar a sintaxe do português brasileiro em variedades “cultas” mas ainda comparar os resultados ali apresentados com os obtidos para a fala “popular”, confirmando que é principalmente a maior ou menor frequência de marcas explícitas de concordância verbal e nominal que separa as duas variedades. Nos demais aspectos, a sintaxe da fala espontânea culta e popular praticamente não difere.

Além de estudos sincrônicos e diacrônicos, há uma terceira vertente a destacar nos cursos que tenho ministrado, fruto do desenvolvimento dos projetos de pesquisa e orientações: observar de que maneira **formas inovadoras** no sistema se *implementam* na escrita e, ao mesmo tempo, de que maneira **formas quase extintas da fala**, que já não fazem parte dos dados a que a criança é exposta durante a aquisição por não constituírem dados robustos, frequentes, são *recuperadas* pela escrita. Essas análises, inspiradas pelo artigo de Kato (2005), *A Gramática do Letrado*, permitem comparar essa aprendizagem ou aquisição da escrita com a aprendizagem/aquisição de uma L2.

Nesses dezesseis anos de atuação na pós-graduação, foram orientadas e defendidas quinze dissertações de mestrado e dez teses de doutorado, além de uma co-orientação de Mestrado junto ao Programa de Letras Neolatinas, da UFRJ, e duas co-orientações de Doutorado, uma em Língua Portuguesa, em colaboração com Dinah Callou, e uma em Literatura Brasileira, com Rosa Gens, áreas de concentração do nosso Programa de Pós. Os trabalhos orientados, exceto o que se concentra em Linguística Textual, são voltados para a minha linha de pesquisa – *Língua e Sociedade: Variação e Mudança*. Dos dez doutores, seis atuam hoje em instituições de ensino superior.

Finalizo esta seção destacando o papel da Iniciação Científica na minha atividade como orientadora. Comecei a orientar alunos de IC em 1996, após a defesa de minha tese e tenho atualmente, sob orientação, dois alunos com bolsa CNPq (Balcão e PIBIC). Nem todos os orientandos seguiram para a pós-graduação, mas seis dos mestres e três dos doutores que formei vieram da Iniciação Científica sob minha orientação e, atualmente, mais dois doutorandos fazem suas teses

inspiradas por um excelente desempenho na Iniciação e no Mestrado. Vários desses alunos atuam hoje como professores efetivos em escolas técnicas federais e outras respeitáveis instituições de ensino médio.

Da pesquisa

Desde meu ingresso na UFRJ, participo do Projeto NURC (Norma Urbana Culta) e do Projeto PEUL (Programa de Estudos sobre o Uso da Língua). O trabalho com a variação e a mudança linguística além do interesse pelo estudo da fala culta e popular explicam minha ligação com os dois grupos de pesquisa, o que significou oportunidade de convivência com pessoas experientes e, conseqüentemente, uma aprendizagem constante.

Meu primeiro projeto, vinculado oficialmente à UFRJ, *Aspectos do sistema pronominal: sincronia e diacronia*, que teve seu início em 1996, procurava abrigar tanto os orientandos de IC, ligados a projetos mais pontuais, quanto meus orientandos de Mestrado e, mais tarde, de Doutorado. As investigações giram em torno do quadro de clíticos pronominais em variedades do português, de fenômenos relacionados à ordem de constituintes, da realização de complementos anafóricos, da recuperação pela escrita de elementos em desuso na fala, da implementação de variantes inovadoras na escrita, entre outros.

A partir de 1998, meu projeto se integrou ao PHPB – *Projeto para a História do Português Brasileiro* – liderado por Ataliba de Castilho em nível nacional e por Dinah Callou, no Rio de Janeiro. O Projeto se concentra na constituição e análise de amostras diacrônicas que permitam contribuir para delinear a sócio-história do português do Brasil. Dele participam, além de pesquisadores da UFRJ, grupos da UFPE, UFPB, UFBA, UFMG, USP, UNESP, UNICAMP, UEL, UFSC. Na vertente sincrônica, estou em diálogo com o Projeto România Nova, coordenado por Mary Kato (UNICAMP) e Francisco Ordoñez, (SUNY, Stony Brook University, NY), que se propõe a realizar estudos de sintaxe comparativa das línguas românicas faladas na América e suas “matrizes” europeias. A tese de Humberto Soares da Silva, defendida em fevereiro de 2011 sob minha orientação, faz uma descrição e uma análise teórica da realização do sujeito em variedades do português e do espanhol peninsular e americano (Buenos Aires e Porto Rico).

Em 1999, com o projeto *O sujeito pronominal no português: um estudo em tempo real* (1999-2001), fui contemplada com uma bolsa PQ CNPq, dentro do projeto integrado PEUL, que propôs, na ocasião, a constituição de amostras que permitissem uma rigorosa aplicação do modelo de estudo da mudança em tempo real de curta duração (Labov 1994). As amostras consistiam em fazer novas gravações para os dois estudos propostos pelo modelo (o de "tendência", que compara amostras distintas da mesma comunidade de fala em dois momentos, e o de "painel", que recontacta o mesmo indivíduo depois de um determinado lapso de tempo). O trabalho foi feito graças ao empenho de um exército de bolsistas de IC e os resultados de cada projeto individual apareceram no livro *Mudança Linguística em Tempo Real* (2003), organizado por mim e minha colega de projeto, Maria da Conceição de Paiva. Mais uma vez, a Faculdade de Letras saía à frente nas novas propostas da Sociolinguística, com um livro que descreve com detalhes a metodologia e oferece artigos sobre diferentes fenômenos em variação, que ensinam como interpretar os resultados da aplicação do modelo. É preciso lembrar que, àquela altura, o projeto NURC-RJ, pioneiro na utilização da metodologia, já iniciara gravações de novas amostras e vinha desenvolvendo estudos em tempo real na fala culta.

O projeto *A posição do sujeito expletivo no português do Brasil: estratégias para seu preenchimento* (2001-2003) dava sequência à investigação do processo de mudança: se o sujeito referencial no PB aparecia preferencialmente preenchido, como nas línguas não *pro-drop*, como o francês e o inglês, o que esperar da posição do sujeito nas sentenças impessoais, que, nesses sistemas são realizados foneticamente sob a forma de um expletivo (*il, it*)? Naturalmente, o PB não desenvolveu um expletivo lexical (como o francês, que antes de *il semble que...* exibia "*semble que* na passagem da fase Antiga para a Média). A perspectiva teórica adotada, entretanto, justamente o casamento herético, dizia que alguma mudança deveria decorrer daquela observada nas sentenças com sujeitos referenciais (definidos ou indeterminados). Os resultados dessa investigação, que se encontram, entre outras publicações, no volume dedicado a Mary Kato, *Descrição, História e Aquisição do Português Brasileiro* (2007), no artigo *Sobre outros frutos de um projeto herético*, revelam que o PB, de fato, não desenvolveu um sujeito expletivo lexical, mas começou a operar com alçamento de constituintes lexicais para a posição de sujeito ou com a pessoalização de sentenças impessoais, evitando, assim, um expletivo nulo. O desenvolvimento deste projeto propiciou um

interessante diálogo com gerativistas, como Jairo Nunes (USP) e Ana Maria Martins (Universidade de Lisboa) sobre a questão do alçamento de constituintes para a posição do sujeito expletivo nulo e me levou a retomar com muita atenção os trabalhos pioneiros de Eunice Pontes (1987) sobre as construções de tópico no PB. Outra decorrência desse projeto, que viria a ser explorada mais tarde, foi o retorno às línguas orientadas para o discurso, que não admitem expletivos lexicais.

O projeto *Sujeitos referenciais e não referenciais: mudança e conservação na escrita padrão (2003-2006)* se voltou para a forma pela qual as mudanças se implementam e pela qual formas conservadoras são recuperadas. Os resultados estão numa publicação da *Revista Linguística (2007)*, do Programa de Pós-Graduação em Linguística, da Faculdade de Letras da UFRJ. Um resultado interessante da pesquisa, que compara fala e escrita do PB e PE, revela que, enquanto, no PE, o sujeito nulo é a opção preferencial na fala e na escrita de jornais (com índices praticamente idênticos), no PB, o sujeito de terceira pessoa (ele/ela) já alcança índices elevados de preenchimento (50%); os sujeitos de referência indeterminada revelam uma recuperação expressiva de formas quase desaparecidas na fala espontânea: o uso de *se* e *nós* ressurge de maneira surpreendente. Esses resultados levam à inescapável consideração que estava em Tarallo e Duarte (1988) sobre a saliência vs não-saliência de variantes linguísticas: enquanto o pronome *ele* passa despercebido e invade a escrita, particularmente com um antecedente em outra função, a indeterminação com *a gente* e *você*, as formais mais usadas na fala, é fortemente reprimida pela escola e o aluno se vê entre o *se* indefinido e o pronome *nós*, este mais facilmente “recuperado” que aquele, mas ambos muito frequentes na escrita.

Analisada a posição do sujeito referencial e não referencial nas sentenças finitas, voltei minha atenção para as sentenças não finitas com o projeto *A posição do sujeito em orações infinitivas: evidências de mudança na fala e na escrita (2006-2009)*. Afinal, se o PB apresentava mudança na representação do sujeito em sentenças finitas, o que se poderia esperar em relação a essa posição em sentenças não-finitas? Figueiredo Silva (1994), já apresentara em sua tese de doutorado, algumas hipóteses de reflexos dessa mudança, e Jairo Nunes, em sua dissertação de mestrado (1990) apontara o uso de *se* indefinido em infinitivas (“para se fazer...”) como uma possível inovação do PB no século XIX. O projeto acabou por ter sua duração prorrogada até fevereiro de 2011 em virtude da indicação do meu nome para o Comitê Assessor da Área de Letras e Linguística do CNPq.

Tive a feliz oportunidade não só de ver os resultados para a fala e escrita de PE e PB publicados na *Revista do GEL* em 2008, mas também de dialogar com Sílvia Cavalcante, que, motivada pela investigação das estratégias de indeterminação, sob minha orientação no mestrado, fizera em Campinas uma análise diacrônica da posição do sujeito em sentenças infinitivas numa ampla amostra do português europeu organizada por Charlotte Galves (*corpus Thycho Brahe*). Na realidade, o uso de *se* indefinido com infinitivas não era inovação do PB nem “uma inutilidade”, como pregava Napoleão Mendes de Almeida nas suas páginas de bom uso da língua publicadas na *Folha de São Paulo* ao longo da primeira metade do século XX. O trabalho de Cavalcante mostrou que o *se* era muito frequente no século XVI (em torno de 20% dos casos), particularmente quando *se* pretendia fixar a referência indeterminada do sujeito do infinitivo e que, ao longo de quatro séculos, o PE reduzira de modo expressivo os índices desse uso (cerca de 9%).

Os resultados da minha análise sincrônica mostraram mais uma vez como fala e escrita andam separadas no PB: enquanto a escrita contemporânea lá e cá revelou índices idênticos de uso de *se* indefinido, a fala portuguesa e a brasileira se distanciavam: aquela exhibe índices idênticos aos da escrita; esta apresenta em lugar do *se* indefinido o uso de *você* e *a gente* em cerca de 20% do conjunto de sentenças examinadas, tal como nas sentenças finitas. Estava aí a evidência de que a gramática do letrado brasileiro é outra gramática, como Kato (2005) defende. Os resultados diacrônicos de Cavalcante e os sincrônicos de Duarte renderam inúmeras apresentações em congressos e três importantes produções em revistas e livros fora do Brasil (além de suscitarem investigações sobre o português do século XVI e o PB atual).

O projeto atual *A posição do sujeito no PB e a hierarquia referencial: evidências empíricas para a proeminência de tópico* é uma tentativa de “atar as pontas” de uma pesquisa de longa duração: retomo projetos anteriores e busco mostrar como se dá a realização do sujeito numa língua que se distingue das línguas românicas – tanto as de sujeito nulo (como o espanhol e o italiano) quanto as de sujeito preenchido (como o francês). Nosso sistema, muito bem classificado por Kato (2002) como parcialmente *pro-drop*, traz uma contribuição extremamente importante para a teoria. Ao mesmo tempo em que perdemos a possibilidade de identificação do sujeito por um sistema flexional rico, não desenvolvemos um expletivo lexical, como o francês e o inglês. Ao contrário, continuamos a licenciar um expletivo nulo. Como entender esse sistema misto? O presente projeto busca

justamente mostrar que o PB constitui um exemplo de língua orientada para o discurso, em que sujeitos nulos argumentais são licenciados desde que identificados por um tópico discursivo. E sujeitos nulos não argumentais (expletivos) são um traço esperado numa língua com proeminência de tópico, uma vez que tais línguas **não têm elementos lexicais** (foneticamente representados) **sem conteúdo referencial** (cf. Li e Thompson 1976). Propostas recentes como a de Negrão e Viotti (no volume organizado por J. L. Fiorin & M. Petter *Africa no Brasil*, São Paulo: Contexto, 2008), entre outras que têm chamado a atenção para sintaxe de algumas línguas africanas, serão incorporadas ao projeto. Esse percurso ou desdobramento não teria sido possível sem o casamento teórico que orienta a pesquisa.

Da produção bibliográfica

Minha produção bibliográfica conta com 12 artigos em periódicos, 40 capítulos em livros, duas organizações de volumes, uma tradução e duas resenhas que aparecem na DELTA, trabalhos publicados em anais de eventos, além de 114 comunicações em congressos nacionais e internacionais. Entre os artigos, destaco o mais antigo, relacionado aos resultados de minha dissertação de Mestrado, escrito em parceria com Fernando Tarallo, que saiu na Revista *Ilha do Desterro* (1988). Este primeiro artigo em periódico bem como o primeiro capítulo publicado em livro, um resumo da minha pesquisa de mestrado, publicado em 1989 no volume *Fotografias Sociolinguísticas*, deixam claro o papel que Fernando Tarallo teve na minha “iniciação científica” e alcançaram muitas instituições, inspirando, como já referi, a investigação da realização do objeto anafórico em diferentes regiões do Brasil. O capítulo que resume minha tese de doutorado, *The loss of the Avoid Pronoun Principle in Brazilian Portuguese*, aparece no livro organizado por Kato e Negrão (2000), *Brazilian Portuguese and the Null Subject Parameter*, o que permitiu a divulgação da minha pesquisa fora do Brasil e é outra evidência da importância de Mary Kato no meu desenvolvimento acadêmico. Foi, entretanto, a própria tese, não publicada, que teve ampla circulação em diversas instituições brasileiras.

A partir da tese, tive a honra de trabalhar em parceria com Mary Kato, sempre em pesquisas instigadas pelos resultados alcançados por aquela primeira investigação no meu doutorado. Este mesmo volume acima referido traz um artigo escrito em colaboração com Mary Kato e Sônia Cyrino, *Visible Subjects and Invisible*

Clitics in Brazilian Portuguese, que representa um salto teórico alcançado a partir das análises diacrônicas realizadas por Sônia Cyrino, em relação ao avanço do objeto nulo no PB (uma pesquisa, que, para meu orgulho, foi também inspirada pela minha dissertação de mestrado) e por mim, em relação ao avanço dos sujeitos expressos. Ainda com Mary Kato e Pilar Barbosa (Universidade do Minho), foi iniciada uma colaboração que resultou num artigo publicado no *Journal of Portuguese Linguistics* (2006), que traz uma análise comparativa da distribuição dos sujeitos nulos em PE e PB.

Uma parceria mais recente, mas que promete outros frutos, é a que se estabeleceu com Sílvia Cavalcante. Nosso interesse comum em análises diacrônicas e sincrônicas voltadas ao sistema pronominal e teoria linguística nos aproxima e propicia o trabalho conjunto, seja em atuação na pós-graduação seja na pesquisa. Das discussões acerca da codificação da norma culta no Brasil, não posso deixar de mencionar as parcerias com Emílio Pagotto (USP), com quem escrevi artigos acerca da colocação pronominal no Brasil (um publicado e um no prelo, em colaboração com Sílvia Cavalcante, em volume organizado por Dinah Callou e Afrânio Barbosa, uma co-edição com a Fundação Casa de Rui Barbosa) e com Maria da Conceição de Paiva, com quem publiquei artigo sobre a tensão entre norma e uso em situações pós-coloniais.

Ainda com Maria da Conceição de Paiva, destaco o artigo que saiu, à guisa de posfácio, à tradução de Marcos Bagno para o português do texto clássico de Weinreich, Labov e Herzog (1968), em 2007, pela Parábola Editorial). Considerei, de fato, uma honra ter participado desse projeto, que teve prefácio de Carlos Alberto Faraco, que localiza o texto em seu contexto histórico e orienta sua leitura. E estou certa de que o convite para falar sobre a “herança de um programa” cujas bases foram lançadas no texto publicado em 1968 (apresentado num congresso em 1966) a duas pesquisadoras da UFRJ, uma do Programa de Linguística e uma do Programa de Letras Vernáculas, é o reconhecimento da importância desses dois Programas na implantação e no desenvolvimento da Sociolinguística no Brasil, através dos Projetos NURC (Norma Urbana Culta) e PEUL (Programa de Estudos sobre o Uso da Língua).

Todos os projetos resumidos na seção precedente, que acabaram propiciando as parcerias referidas acima e no currículo, aparecem em artigos individuais. O mais antigo deles, publicado apenas em 2001, pela *Revista Gragoatá*, foi fruto do primeiro projeto desenvolvido junto ao PEUL, ainda sem bolsa, sobre o

"português de contato" do Alto Xingu: *Variação sintática e mudança paramétrica*. Os resultados dos projetos seguintes aparecem todos em artigos ou capítulos: "A evolução na representação do sujeito pronominal em dois tempos" (2003); "O sujeito expletivo e as construções existenciais" (2003) e "Sobre outros frutos de um projeto herético" (2007); "Sujeitos de referência definida e arbitrária: aspectos conservadores e inovadores na escrita padrão" (2007, *Revista Linguística*); "O sujeito de referência indeterminada em sentenças infinitivas" (2008, *Revista do GEL*).

Com Dinah Callou organizei o volume IV do Projeto *Para a História do Português Brasileiro* (2002; 235 pp) e com Maria da Conceição de Paiva, o volume *Mudança Linguística em Tempo Real* (2003; 206 pp), já referido acima. No momento, organizo com Sílvia Figueiredo Brandão o volume 8 da *Revista Diadorim*, do nosso Programa de Pós-graduação, dedicado a Estudos de Variação e Mudança. Recebemos 40 submissões, praticamente todas externas à UFRJ e ao Rio de Janeiro (trinta e cinco). Consultamos um respeitável corpo de pareceristas e já estamos recebendo de volta os capítulos recomendados para publicação, com as pequenas revisões sugeridas pelo corpo consultivo. Em 2011.2, a *Diadorim 8* estará à disposição da comunidade científica. Estou ainda organizando um volume que reúne artigos escritos por meus orientandos, além de outros alunos de pós, todos elaborados a partir da mesma amostra de peças teatrais escritas no Rio de Janeiro ao longo dos séculos XIX e XX. A amostra, que utilizei num dos capítulos que destaco em minha produção bibliográfica (Duarte 1993), foi aumentada, mantendo os mesmos parâmetros, para permitir analisar fenômenos pouco frequentes. Dentre os artigos, todos relacionados à realização do sujeito pronominal (definido, indeterminado e não referencial) e a fenômenos relativos à ordem (incluindo estruturas inacusativas, sentenças clivadas e construções de tópico marcado), quatro provêm de dissertações orientadas por mim, um foi realizado com meus alunos de IC, e outros quatro foram resultado de trabalhos de curso de pós-graduação. A publicação conta com verba do Prêmio Cientistas do Nosso Estado, com que fui contemplada no triênio 2009-2011.

Além dos artigos no prelo, listados no LATTES, e dos capítulos acima referidos, terminei um capítulo sobre aspectos da sintaxe do português brasileiro, que aparecerá na Gramática da Língua Portuguesa, um grande projeto em fase final, sob a organização de Maria Fernanda Bacelar do Nascimento, Maria Antónia Mota e Eduardo Raposo, que será publicado com o apoio da Fundação Gulbenkian.

Entre as comunicações em congressos, palestra e conferências, que somam 114, gostaria de destacar a primeira: uma apresentação em 1984, no Seminário de GEL, realizado em Assis, SP, naturalmente ligada à dissertação que mal se iniciava. A presença do professor Carlos Franchi na sessão e suas palavras de incentivo são inesquecíveis. Muitas são as palestras e comunicações no Brasil, tanto em congressos nacionais, regionais, em universidades diversas por ocasião de participações em bancas examinadoras de trabalhos de conclusão, e no exterior, particularmente em encontros de variacionistas, como o NWAV (*New Ways of Analysing Variation*), do qual já participei onze vezes, desde minha estreia em 1995, após a defesa de tese. Todas essas oportunidades têm sido aproveitadas para divulgar o nosso trabalho e aprender.

Das participações em bancas examinadoras de trabalhos de conclusão e concursos públicos

A participação em bancas examinadoras constitui uma atividade necessária que tem uma grande vantagem: a de nos trazer momentos de intervalo em nossa rotina de aulas e orientações, constituindo-se numa excelente oportunidade de atualização. Minhas participações em 42 bancas de Mestrado, 36 de Doutorado e 30 exames de qualificação, além de bancas de concursos públicos, dentro e fora da UFRJ, me proporcionaram essa chance.

Das atividades administrativas e de representação

Entre as **atividades administrativas** na Faculdade de Letras, relacionadas no LATTES, menciono minha atuação como Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, entre 2003 e 2005, uma oportunidade de aprendizado e de contribuição efetiva num projeto de um grupo. Não foi tarefa fácil coordenar um Programa que compreende três áreas (Língua Portuguesa, Literatura Brasileira e Literaturas Portuguesa e Africanas de Língua Portuguesa), com cerca de 35 professores efetivos na época e mais de duzentos alunos, sem contar com a experiência e condições mínimas de apoio de secretaria, telefone e fax! Contei, entretanto, com uma Comissão experiente e prestativa, com o apoio dos professores e alunos, conseguindo colher os primeiros frutos do Novo Regulamento,

implantado em 2002 pelo meu antecessor, Alcmeno Bastos. Tivemos um número recorde de defesas de mestrado em 2004 e de doutorado em 2006. Certamente devo a este trabalho conjunto o voto de louvor recebido do Departamento ao passar a coordenação para a colega Célia Lopes, que levou avante o trabalho realizado, com inúmeras conquistas, entre as quais o lançamento da *Revista Diadorim*.

Outra atividade administrativa por mim desempenhada foi a de Chefe do Departamento de Letras Vernáculas, no biênio 2009-2010, uma oportunidade de conhecer melhor o funcionamento dessa necessária (embora nem sempre agradável) atividade burocrática, sem perder de vista a parte acadêmica. Foi uma sorte suceder Sílvia Brandão, que me deixou um Departamento em ordem e um espírito de união dos mais salutareos com os outros cinco Departamentos da Faculdade de Letras. O dia-a-dia do maior Departamento da Faculdade de Letras, com concursos por realizar (cinco foram realizados durante minha gestão), sem, mais uma vez, contar com um(a) secretário(a), com falta de docentes para enfrentar nossas necessidades, com alunos lutando por seus direitos foi uma experiência que deixa o saldo positivo de conhecer de perto os colegas das diferentes áreas (além de língua portuguesa, as literaturas brasileira, portuguesa, africanas de língua portuguesa e o ensino de português como segunda língua - português língua estrangeira), os outros departamentos, além de outras instâncias da Universidade. O voto de louvor recebido da congregação pela minha gestão se deve, sem dúvida, ao apoio dos Departamentos, que àquela ocasião se encontravam unidos, graças ao papel da minha antecessora, Sílvia Brandão, que soube levar sua voz conciliadora e ponderada aos colegas da Faculdade de Letras, que passava por momentos difíceis.

Dois momentos marcantes durante minha gestão do Departamento de Letras Vernáculas foram a concessão do título de Professor Emérito a nossa colega Dinah Callou, aposentada compulsoriamente em 2008, e a do título de Doutor *Honoris Causa* a Ferreira Gullar, solicitada pelo Departamento através do pedido formal de Antônio Carlos Secchin, titular de Literatura Brasileira.

Entre as **atividades de representação** menciono, na Faculdade de Letras, minha atuação no momento como membro do Comitê Institucional PIBIC e da Congregação na qualidade de representante dos professores adjuntos e associados, atividades que procurei desempenhar com a responsabilidade que a confiança dos colegas exigia.

Meu desafio maior foi o de representar como membro efetivo do Comitê Assessor de Letras e Linguística junto ao CNPq (triênio 2007- 2010) minha área (Linguística) com a devida dignidade, buscando agir com imparcialidade nas avaliações periódicas das mais diversas modalidades de solicitações e, mais uma vez, aproveitar a chance de aprender. Não é tarefa fácil lidar com o escasso número de bolsas e disponibilidade orçamentária diante do aumento da demanda vinda de pessoal altamente qualificado. Minha sorte (o acaso novamente?) foi estar num grupo constituído por Diana Luz Pessoa de Barros, Charlotte Galves, Maria Helena de Moura Neves e, no último semestre, Carmen Lúcia Barreto Matzenauer. Contando com companheiras desse calibre, só posso me sentir uma pessoa de muita sorte. Finalmente, destaco, entre as atividades de representação, o fato de compor o conselho editorial de respeitadas revistas nacionais, entre as quais *DELTA*, *ABRALIN* e *Gragoatá*, além de contribuir como parecerista ad hoc de órgãos de fomento, de revistas e eventos nacionais e internacionais.

Dos prêmios de distinções

Menciono, com satisfação, o fato de ser pesquisador do CNPq, atualmente no nível 1B, o que considero uma distinção muito especial, assim como o fato de ter tido a honra de ser indicada para compor o comitê assessor da área de Letras e Linguística por três anos. O Prêmio *Cientistas do Nosso Estado*, outorgado pela FAPERJ (2009-2011), mais do que motivo de orgulho, consiste numa importante maneira de incentivar meus orientandos a participar de eventos no Brasil e no exterior e vai me permitir publicar o que considero o resultado de um trabalho conjunto, que representa um importante ciclo das minhas investigações juntamente com meus alunos. E, apesar de consciente de que, como parte de uma instituição, não posso me furtar a exercer as funções administrativas que me couberem, e, uma vez aceitas, devem ser desempenhadas com dedicação e ética, menciono com satisfação os votos de louvor recebidos na Faculdade de Letras.

Para concluir....

...retomo o ponto de partida, voltando a citar Ferreira Gullar sobre a importância do acaso em nossas vidas: *"Por exemplo, um homem é obrigado a viajar contra a sua vontade e nessa viagem encontra uma mulher que jamais teria encontrado se tivesse ficado em casa. O encontro foi casual mas, se nenhum dos dois tivesse necessidade do outro – se não se tivessem apaixonado à primeira vista – de nada teria valido o encontro casual. Foi assim neste caso e igual terá sido em outros, e se o foi é que a realidade da vida resulta de uma complexíssima tessitura de probabilidades ou seja, de acasos - que, por tão complexa e até certo ponto imprevisível, parece mágica [...]"*.

Acredito ter sabido aproveitar o acaso, reconhecer cada chance de encontro, aproveitar cada oportunidade além de criar outras, sempre com a paixão que tem tornado este um percurso sem sofrimento. Pelo contrário, tenho sido premiada pelo acaso, que agora já se confunde com o que é, de fato, o resultado de um trabalho feito com entusiasmo e empenho, sempre com o apoio de uma legião de veteranos e de novos colegas, na Faculdade de Letras e fora dela.

Rio de Janeiro, 26 de junho de 2011